

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO SOBRE A MORTE: LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO TERAPÊUTICO NO PROCESSO DE LUTO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.947112518032>

Data de aceite: 11/04/2025

Débora Matos Alauk

"O sofrimento das crianças foi grande, mas elas não esqueceram as palavras da Morte, que sempre foram um consolo." (RİNGTVED)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo compreender a importância da educação sobre a morte para enfrentamento do processo de luto infantil por meio de narrativas que tratam do assunto com uma linguagem expressiva, poética e adaptada para as crianças. Nesse contexto, esta pesquisa oferece subsídios teóricos aos profissionais da área da saúde e da educação para intervir, orientar e auxiliar a criança a se expressar e conseguir lidar melhor com suas emoções. Considerando esse aspecto, a base teórica adotado foi da Psicologia, em especial, Tanatologia conforme os seguintes autores: o processo de luto infantil (WORDEN; 2013), processo de luto (KÜBLER-ROSS; 2018); a arte de falar sobre a morte (PAIVA, 2011); a percepção da criança sobre a morte (TORRES, 1979, 2012); biblioterapia e literatura infantil como recurso terapêutico

(SENGIK e RAMOS, 2013) e a educação sobre a morte por meio da literatura (FARIAS et al, 2021). Diante disso, as narrativas selecionadas foram quatro contos: Pode chorar, coração, mas fique inteiro (Glena Ringtved), Fita Verde no cabelo (João Guimarães Rosa), A morte e a velha (Ernâni Ssó) e A quase morte de Zé Malandro (Ricardo Azevedo). Os resultados atingidos destacam a pertinência da educação sobre a morte por meio da literatura infantil como ferramenta terapêutica para o atendimento de psicólogo, para o trabalho pedagógico dos educadores e da assistência da família.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sobre morte. Processo de luto infantil. Literatura infantil. Recurso terapêutico.

EDUCATION ABOUT DEATH:
CHILDREN'S LITERATURE AS A
THERAPEUTIC RESOURCE IN THE
GRIEF PROCESS

ABSTRACT: This article aims to understand the importance of death education in coping with the process of childhood grief through narratives that address the subject with expressive, poetic language adapted for children. In this context, this research provides theoretical support to healthcare

and education professionals to intervene, guide, and assist children in expressing themselves and better managing their emotions. Considering this aspect, the theoretical framework adopted was from Psychology, particularly Thanatology, according to the following authors: the process of childhood grief (WORDEN; 2013), grief process (KÜBLER-ROSS; 2018); the art of talking about death (PAIVA, 2011); children's perception of death (TORRES, 1979, 2012); bibliotherapy and children's literature as therapeutic resources (SENGIK and RAMOS, 2013), and death education through literature (FARIAS et al., 2021). Consequently, the selected narratives were four tales: "You Can Cry, Heart, but Stay Whole" (Glen Ringtved), "Green Ribbon in the Hair" (João Guimarães Rosa), "Death and the Old Woman" (Ernâni Ssó), and "The Almost Death of Zé Malandro» (Ricardo Azevedo). The results achieved underscore the relevance of death education through children's literature as a therapeutic tool for psychologists' counseling, educators' pedagogical work, and family assistance

KEYWORDS: Death education. Childhood grief process. Children's literature. Therapeutic resource.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A criança apresenta diversas perspectivas referente a morte, conforme Torres (1979), a morte é ainda vista como um tabu e os adultos evitam falar sobre o assunto. Portanto, é preciso que os educadores e psicólogos consigam orientar os responsáveis a importância da educação sobre a morte para auxiliar no processo de luto infantil.

Considerando essa perspectiva, este trabalho estabelece como problema de pesquisa: Quais são as contribuições da educação sobre a morte no processo de luto infantil? Desse modo, elencou-se como objetivo geral a importância da literatura infantil que trata sobre a morte no auxílio do processo de luto infantil.

Levando em conta o objetivo geral, estabelece-se os objetivos específicos: a) identificar quais são as narrativas que tratam de modo sensível e lúdico no que se refere às representações da morte; b) compreender e analisar como as narrativas contribuem no processo terapêutico de crianças enlutadas e, por fim, c) abordar a importância do afeto e cuidado junto com as crianças.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionou-se como *corpus* quatro narrativas da literatura infantil que estabelecem representações da morte e também a sua personificação, tais como: Pode chorar, coração, mas fique inteiro (Glen Ringtved); Fita Verde no cabelo (João Guimarães Rosa); A quase morte de Zé Malandro (Ricardo Azevedo) e A morte e a velha (Ernani Ssó).

Este estudo se justifica pela possibilidade de investigar as contribuições de narrativas no processo terapêutico com crianças enlutadas. Nesse sentido, essas narrativas auxiliam as práticas dos psicólogos e educadores, sendo de ponto crucial o acompanhamento e o cuidado com as crianças.

Conforme essa percepção, não há uma padronização, isso se justifica porque cada criança apresenta um modo de reagir, por isso, é indispensável conhecer a realidade de cada criança de modo com que o profissional da área da educação e da saúde obtenham resultados assertivos.

Esta pesquisa está organizada em duas subsecções, além das Considerações Iniciais, das Considerações Finais, das Referências e dos Anexos.

Na primeira subsecção, “Fundamentação teórica”, apresentam-se os fundamentos que norteiam este estudo no diz a respeito a Tanatologia, em especial a percepção da criança diante da morte e do processo de luto infantil.

Na segunda, “Educação sobre a morte: literatura infantil como recurso terapêutico no processo de luto no contexto escolar”, estabelecem-se as narrativas que tratam sobre a morte e como pode contribuir no processo de luto infantil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta subsecção aborda a perspectiva da morte da criança e o processo de luto infantil conforme os seguintes autores: Torres (1979, 2012); Paiva (2011); Wonder (2013); Sengik e Ramos (2013) e Kübler-Ross (2018).

Wilma Torres, uma psicóloga brasileira, realizou diversos estudos no que diz a respeito ao entendimento da percepção da criança diante da morte. Dessa forma, a pesquisadora (1979) ressalta que mesmo que o conceito de morte seja complexo para que as crianças entendam, elas são totalmente capazes em experienciar e vivenciar as inúmeras emoções e reações proporcionada pelo processo de luto.

Em geral, para a autora (2012), considera-se alguns aspectos relevantes no que se refere a criança diante da morte, tais como: a percepção gradual que corresponde a compreensão gradual das crianças sobre a morte conforme elas crescem, assim, elas iniciam com um entendimento mais limitado e concreto caracterizado pela primeira infância e, por fim, uma compreensão mais abstrata e completa que é marcada na fase da adolescência.

Outro aspecto, ressalta-se, conforme Torres (1979, 2012) a influência do desenvolvimento cognitivo da criança exerce na sua percepção da morte, assim, enquanto as crianças mais novas apresentam dificuldade para compreender o conceito da morte como irreversível, assim, elas pensam muitas vezes que a morte pode ser temporária e reversível. Entretanto, esse entendimento aos poucos se torna mais abrangente e mais completo. Nessa direção, autora (1979, p.10) afirma que

O dado principal das pesquisas já realizadas com crianças sobre a morte é o de que a força da consciência da morte é ativa em todos os níveis de idade. Portanto, a verdade é que não se pode afastar a criança da realidade da morte. (TORRES, p. 10, 79)

Nesse contexto, a psicóloga (2012) complementa que as reações emocionais as quais as crianças podem experimentar diante da morte, incluindo tristeza, raiva, confusão, medo e ansiedade. Ademais, a influência cultural e familiar, pois a percepção de morte pela criança pode ser impactada pelo contexto cultural, familiar, pelas crenças, valores e práticas vinculadas à morte em sua cultura e família podem interferir na compreensão e no processo de luto e perda.

Em síntese, a pesquisadora ressalta a importância da necessidade de apoio e orientação adequados às crianças que estão lidando com o processo de luto e com a morte. Dessa forma, o apoio familiar, profissionais da área da saúde e da educação possam fornecer informações concisas, objetivas que possam validar os sentimentos das crianças e oferecer subsídio necessário para que elas se sintam acolhidas e possam expressar sua dor e perda. (TORRES, 2012).

Paiva (2011, p.25) em seu estudo faz um levantamento bibliográfico e teórico no que diz a respeito a relevância de discutir sobre a morte para crianças.

Atualmente, a criança não participa do processo de morte e seus rituais. A meu ver, subestima-se a criança alegando-se protegê-la. Para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas. E, por causa disso, reforçamos a dificuldade de lidar com as várias perdas vivenciadas ao longo da vida, com os valores mais diversos: o brinquedo quebrado, o animal de estimação que morre, o amiguinho que se mudou, a morte de alguém... É preciso lembrar que não podemos quantificar a dor, pois é individual, singular e subjetiva.

De acordo com esse apontamento, Sengik e Ramos (2013, p.380) complementam que os adultos evitam tratar da morte na presença de uma criança. Por isso, é importante esse tema seja discutido e esclarecido para as crianças, pois “o processo de luto pode ser amenizado quando a criança consegue formar vínculos substitutos.”

Em relação ao luto infantil, Wonder (2013, p.171), considerado um renomado psicólogo americano, realizou diversas pesquisas sobre o luto infantil. Dessa forma, ele afirma que as três coisas que as crianças necessitam depois da morte de um dos pais são: apoio, nutrição e continuidade. O autor admite que oferecer isso pode ser uma tarefa complicada para o progenitor sobrevivente e o pai sobrevivente. Portanto, o luto infantil pode ser facilitado “na presença de um adulto consistente, que é capaz de ir ao encontro das necessidades da criança e ajudá-la a expressar seus sentimentos acerca da perda.” (WONDER, 2013, p. 171).

Em sua obra “Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da área da saúde”, Worden (2013) apresenta um modelo estruturado de quatro tarefas do luto, que também podem ser aplicadas ao luto infantil.

Aceitar a realidade da perda	A primeira tarefa do luto é caracterizada em auxiliar a criança a aceitar e compreender a realidade da perda. Desse modo, demonstra-se que a morte é irreversível.
Processar a dor da perda	A segunda tarefa do luto é ajudar a criança a compreender a dor emocional relacionada à perda. Portanto, elas podem ter reações emoções diversas como tristeza, raiva e confusão. Nesse contexto, o apoio familiar e a construção de um ambiente seguro e acolhedor são fundamentais.
Ajustar-se a um ambiente em que o falecido esteja ausente	A terceira tarefa envolve ajudar a criança a encontrar diversas maneiras de se ajustar à vida sem a presença física da pessoa que morreu. Por isso, esse aspecto incluir uma reorganização da rotina e lidar com as recordações da pessoa falecida, assim, ela possa encontrar formas saudáveis de manter um vínculo emocional com ela.
Encontrar uma maneira de continuar a vida	A última tarefa do luto buscar contribuir uma forma da criança seguir em frente ao ajudá-la a lidar com a experiência de perda, elaborando ressignificações.

Quadro 1- Tarefas do luto

Fonte: elaborada pela autora conforme Wonder (2013)

Em suma, Worden (2013) ressalta que o luto é considerado um processo individual e único vivenciado por cada criança. Nesse contexto, é indispensável o apoio de familiares, amigos e profissionais qualificados da área da saúde que possam contribuir no processo de luto infantil.

Considerando o processo de luto em adultos, Elisabeth Kübler-Ross se destacou com seus estudos, reconhecida como uma famosa psiquiatra suíço-americana pela sua atuação profissional e contribuição científica. Mesmo ela não tendo elaborado a perspectiva da morte para as crianças, os princípios gerais sobre o processo de luto podem ser aplicados na percepção e entendimento das crianças diante da morte.

Kübler-Ross (2018) propôs cinco estágios do luto que as pessoas enlutadas geralmente experimentam em seu processo de luto, tais como: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A autora afirma que esses estágios não precisam ser, necessariamente, experienciados de modo sequencial e pode ser diferente conforme a individualidade de cada um.

Negação	O indivíduo recusa em acreditar a realidade da situação de luto.
Raiva	A pessoa pode sentir raiva à pessoa falecida, às circunstâncias e causas da morte.
Barganha	O sujeito busca estabelecer acordos para evitar a dor da perda.
Depressão	O indivíduo pode se sentir triste, solitário e desamparado.
Aceitação	A pessoa inicia o processo de aceitação da perda.

Quadro 2 – Cinco estágios do luto

Fonte: elaborado pela autora conforme Kübler-Ross (2018)

Ao considerar a perspectiva da morte para crianças considerando os princípios de Kübler-Ross, é indispensável reconhecer que as crianças podem vivenciar esses estágios de uma forma singular e adaptada à sua compreensão e capacidade de processamento emocional.

A primeira etapa negação a criança pode muitas vezes não aceitar e acredita o que acontece e isso acarreta um maior isolamento. Na segunda etapa a raiva, as crianças podem vivenciar sentimentos de raiva relação à morte, portanto, elas podem se sentir injustiçadas ou zangadas com a pessoa que morreu e buscar formas de reverter e evitar a morte.

Na terceira etapa negociação, a criança pode tentar negociar com a ideia da morte, especialmente se estiverem enfrentando a perda de um ente querido. Prosseguindo, na próxima etapa, a depressão a criança pode experimentar uma tristeza profunda e até mesmo depressão ao lidar com morte um ente querido. Portanto, elas podem se sentir desamparadas e incapazes de encontrar alegria das atividades que costumavam gostar.

Por fim, a aceitação corresponde de como a criança consegue integrar a realidade de sua vida. Nessa fase, a criança não superou completamente o luto, mas ela aprende a conviver com a perda e a dor, assim, ressignificou o rumo de sua vida.

Considerando o arcabouço teórico apresentado, é fundamental reconhecer que compreensão da morte e do processo de luto infantil podem variar amplamente com base em fatores como idade, desenvolvimento cognitivo, experiências anteriores, suporte emocional, apoio familiar e profissional. Portanto, a criação de um ambiente seguro, acolhedor e empático é basilar para apoiar crianças que estão lidando com a morte e possam expressar da melhor maneira os seus sentimentos.

EDUCAÇÃO SOBRE A MORTE: LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO TERAPÉUTICO NO PROCESSO DE LUTO NO CONTEXTO ESCOLAR

A morte é considerada evento inerente à natureza humana e irreversível, possibilitando à literatura infantil uma ampla manifestação orais e escritas que gerou questionamentos sobre a temática em diversas áreas de pesquisa. (FARIAS et al, 2021).

A literatura infantil é considerada um recurso imprescindível no processo de educação sobre morte e no apoio do luto infantil no contexto escolar. Pois, as narrativas que abordam esse tema podem promover a compreensão dos conceitos relacionados à morte, como perda, luto, tristeza e separação. Dessa maneira, as histórias transmitem bem escritas e ilustradas transmitem por meio de uma linguagem poética e expressiva no que diz a respeito o ciclo da vida.

Nessa direção, as crianças ao ler essas narrativas sobre os personagens que lidam com o luto e perda, elas podem se identificar com essas experiências e sentimentos, portanto, há uma validação de suas emoções e sentimentos, tais como: tristeza, confusão, raiva e saudade.

Além disso, essas narrativas estabelecem conversas importantes entre as crianças e os adultos, como pais, professores e conselheiros escolares, assim, facilitando a comunicação entre eles. Desse modo, esses diálogos podem proporcionar um espaço seguro para as crianças expressarem suas preocupações, questionarem e compartilharem suas próprias experiências de perda.

Os livros infantis também podem proporcionar a fomento de habilidades de enfrentamento, pois, geralmente, as histórias demonstram os personagens que enfrentam a morte e o luto. Assim, elas podem aprender maneiras positivas de lidar com a dor, encontrar apoio emocional e conforto. Por fim, essas narrativas também promovem empatia e compreensão aos sentimentos dos outros, oferecendo apoio emocional para amigos que estão passando pelo processo de luto e/ou de perda.

Para Farias et al (2021), a literatura infantil possibilita as crianças a buscarem estratégias de compreender o mundo e as vidas das personagens que são projetadas de maneira metafórica, objetiva, simbólica e adaptada a realidade infantil. Nesse contexto, os autores demonstram a importância da biblioterapia considerada uma ferramenta usada para tratamento alternativo o qual serve de suporte para as pessoas lidarem com suas angústias, medos e conflitos emocionais. Em geral, os pesquisadores (2021, p.5) destacam que

O caráter subjetivo da obra literária contribui na desmistificação do conceito de morte para reduzir a dor da criança que passa uma perda significativa, conforme a interpretação do texto, utilizando expressões eufemística no processo de construção de conhecimento, tais como: virou estrela, foi para o céu, foi viajar, dentre outras.

Nesta pesquisa, elencou-se quatro narrativas que abordam sobre a morte e o processo de luto presente na literatura infantil e infanto-juvenil. A seguir, apresenta-se a síntese das narrativas selecionadas (Quadro 3).

Narrativa	Síntese
Pode chorar, coração, mas fique inteiro	Quatro crianças não contavam com a visita inesperada da Morte na casa da avó dela. Essa figura demonstra sensibilidade e empatia com as crianças ao explicar de modo poético sobre a finitude da vida.
Fita verde no cabelo	Fita verde no cabelo é uma releitura do conto original Chapeuzinho Vermelho e mostra com expressividade e poesia o encontro de Fita Verde com a sua avó que muito adoecida, acaba falecendo em sua frente.
A morte e a velha	Uma velha que vivia em uma cidade decide enganar a morte para conquistar a sua mortalidade. Entretanto, ela não contava com solidão e desamparo de ter uma vida longa. Aos poucos, ela se arrepende e resolve aceitar seu destino.
A quase morte de Zé Malandro	Zé Malandro é preguiçoso, trapaceiro e sua única preocupação é jogar baralho. Certo dia, ajuda um viajante muito velho e faminto, que, em agradecimento, lhe concede quatro desejos, os quais usa para enganar a Morte. Com o tempo, ele se conforma em morrer, mas nem o céu nem o inferno o aceitam.

Quadro 3- Síntese das narrativas

Fonte: elaborado pela autora

Considerando as obras selecionadas, destaca-se que cada narrativa apresenta uma forma diferenciada para representar a morte que em alguns casos é personificada ou está de maneira metafórica (Quadro 4).

Narrativa	Representação da Morte
Pode chorar, coração, mas fique inteiro	A morte é personificada como uma figura solidária, sensível e perspicaz.
Fita verde no cabelo	A protagonista vivencia a morte de sua avó de maneira metafórica. Assim, retrata-se o luto juvenil.
A morte e a velha	A protagonista busca enganar a Morte, mas, no final, acaba cedendo e aceita sua mortalidade.
A quase morte de Zé Malandro	O personagem principal trapaceia a Morte, o Diabo, a Diaba de inúmeras formas que quando resolve se reconciliar e aceitar seu destino mortal. Ele não é aceito em nenhum lugar, sendo obrigado a viver eternamente na terra.

Quadro 4- Representação da Morte

Fonte: elaborado pela autora

As representações da morte na literatura infantil é uma forma expressiva, lúdica e poética de retratar conceitos referente a morte, assim, as formas de representações são a morte de personagens.

Diante desse exposto, é notável em três das narrativas selecionadas, tais como: “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” e “Fita Verde no Cabelo. No primeiro conto, a Morte é personificada e tenta explicar para as crianças de maneira sensível sobre o sentido da morte.

Em contrapartida, na segunda narrativa, a protagonista vivencia a morte da avó e lida com perda e o luto. Já no segundo conto “A morte e a velha” a protagonista depois de relutar contra a Morte, aceita a sua mortalidade. Por fim, o conto “A quase morte de Zé Malandro”, designa-se de modo humorístico, as peripécias de Zé Malandro com a Morte, o Diabo e Diaba para trapacear da morte.

Nesse contexto, as narrativas utilizam de metáforas e simbolismos expressivos que buscam envolver a criança e facilitar no processo de compreensão sobre a morte, o luto, a perda e demais reações emocionais.

Em síntese, os contos por meio de uma linguagem sensível, poética e expressiva buscam retratar sobre a morte de maneira adaptada para a criança, logo, contribuindo para a sua formação psíquica, cognitiva, cultural e, principalmente, emocional.

Diante deste cenário, o papel do educador, dos psicólogos e dos responsáveis é acolher, orientar e intervir de forma adequada para auxiliar a criança neste processo tão desafiador. Porém, o professor, a família e o psicólogo apresentam enfoques diferentes de intervenções, pois enquanto o professor está associado com as competências socioemocionais e pedagógicas, o psicólogo é responsável pelo aspecto psicológico e família com as questões mais pessoais e afetivas.

O papel do educador e dos responsáveis é orientar e educar as crianças no que se refere aos conceitos relacionados a morte com a finalidade de fazê-las compreender que o processo de luto é uma parte importante para o desenvolvimento emocional e cognitivo.

Quanto ao papel do psicólogo no tratamento do processo de luto infantil, nota-se que os profissionais para contribuir com a forma que criança lida com seus sentimentos diante do processo de luto e da perda. Para isso, o profissional necessita realizar uma avaliação inicial meticolosa para compreender quais são os impactos da perda na vida da criança.

Levando em conta esse aspecto, espera-se do psicólogo forneça apoio emocional para que a criança consiga expressar seus sentimentos e emoções. Desse modo, o profissional contribui no processo de luto e da perda da criança de uma maneira saudável e adaptativa.

Nessa direção, recomenda-se que os profissionais da área da saúde estabeleçam diretrizes que eduquem sobre o luto, logo, explicando que é um processo natural da vida por meio de desenvolvimento de estratégias adequadas que proporcionam vivências para as crianças consiga compreender o que estão sentindo e possam se manifestar.

Nesse contexto, os psicólogos necessitam fortalecer a resiliência com as crianças para que elas consigam lidar com os eventos mais estressantes devido a perda de um ente querido. De modo geral, as intervenções terapêuticas desenvolvidas pelos psicólogos precisam estar bem articuladas e juntamente com o apoio familiar e apoio à família a criança poderá superar o luto paulatinamente.

A educação sobre a morte é fator crucial para que a criança consiga superar a perda e o luto. Por isso, o papel dos educadores, dos profissionais da área da saúde para intervir, orientar e oportunizar discussões no que se refere as representações da morte por meio da literatura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou verificar as contribuições da educação sobre a morte no enfrentamento do luto infantil como subsídios de trabalho para a família, os educadores e os psicólogos.

Diante disso a pergunta que guiou este estudo: “Quais são as contribuições da educação sobre a morte no processo de luto infantil?” Desse modo, elencou-se como objetivo geral a importância da literatura infantil que trata sobre a morte no auxílio do processo de luto infantil como forma de responder o problema de pesquisa.

Levando em conta o objetivo geral, estabelece-se os objetivos específicos: a) identificar quais são as narrativas que tratam de modo sensível e lúdico no que se refere às representações da morte; b) compreender e analisar como as narrativas contribuem no processo terapêutico de crianças enlutadas e c) abordar a importância do afeto e cuidado junto com as crianças.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a base teórica proporcionou o entendimento sobre a relevância da educação sobre a morte para o tratamento do luto infantil para os educadores, os psicólogos e a família.

Considerando os resultados obtidos, constatou-se que as narrativas selecionadas podem promover à criança o entendimento no que se refere aos conceitos relativos a morte para o enfrentamento de perdas e superação do processo de luto infantil.

Diante do exposto, comprehende-se que este trabalho possibilita novos estudos na área de Tanatologia e Educação.

ANEXOS

Pode chorar, coração, mas fique inteiro

(Glena Ringtved)

Quatro crianças estavam sentadas em volta de uma mesa em uma cozinha pequena. Dois meninos e suas irmãs mais nova. Na ponta da mesa estava uma figura assustadora, com uma capa preta. O rosto dela estava escondido pelo capuz, só aparecia um nariz pontudo.

Lá fora, ao lado da porta, estava a foice.

Era a Morte.

Ela respirava com dificuldades, soltando chiados. E ficava ainda mais assustadora por causa disso. Mas as crianças não estavam com medo. Elas só estavam muito tristes.

No andar de cima, a avó delas estava doente, de cama. Era ela a figura tinha vindo buscar.

As crianças sabiam, e por isso mesmo tentavam ganhar tempo, já que também sabiam a Morte só era amiga da Noite, e ela teria que voltar para o seu reino antes de o sol nascer.

“Talvez a gente consiga fazer ela perder a hora, daí ela vai ter que ir embora sem a vovó.” Foi o que as crianças pensaram.

E era por isso que estavam servindo café para a Morte. E toda vez que a Morte acabava uma xícara, o menino mais velho se aproxima com o bule.

- Mais um golinho, senhora? – ele perguntava, simpático.

A Morte aceitava, pois adorava café. E ela bebi seu cafezinho sempre forte e escuro como a noite.

E muito tempo passou desse jeito, até que a Morte finalmente ficou satisfeita e não quis mais café. Ela pôs a mão ossuda por cima da xícara, sinalizando que estava pronta para se levantar.

Mas bem nessa hora a menorzinha das meninas, que até ali só tinha ficado olhando, segurou a mão da Morte e disse, com seu tom de voz mais emocionado e triste:

- Dona Morte, por que a nossa vovó tem que morrer, se ela é uma pessoa que a gente mais ama no mundo?

Tem gente que diz que o coração da Morte é seco e preto como pedaço de carvão. Mas não é verdade.

Embaixo daquela capa, o coração dela é bem vermelho como o pôr do sol mais lindo do mundo, e o que faz ele é um amor imenso pela vida.

A Morte ficou ali sentada, olhando para o nada, porque também estava triste com aquela situação. E aí contou a seguinte história para as crianças.

Muito tempo atrás, tanto tempo que só eu consigo lembrar, existiam dois irmãos que moram na mesma casa. Um se chamava Sofrimento e o outro, Desconsolo. E eram uma dupla bem sofrida mesmo. Eles eram a tristeza em pessoa, e arrastavam os pés para lá e para cá, todo santo dia.

Um dia desanimado que o outro. Um mais triste e fechado que o outro. Eles moravam em um vale que o sol nunca iluminava. O vale era cercado por montanhas.

Mas no alto de uma dessas montanhas moravam duas irmãs. Uma se chamava Alegria, e a outra, Risada. E vocês podem acreditar que elas eram o exato oposto dos irmãos. E podem acreditar que cada dia da vida das duas irmãs era um dia de sol e felicidade. Era mesmo, mas, ainda assim, as duas sentiam falta de alguma coisa. Elas não sabiam direito o que era. Por causa disso, não conseguiam aproveitar toda aquela sorte que tinham.

Como vocês devem ter adivinhado, nem preciso dizer que um dia as duas irmãs encontraram os dois irmãos. O Sofrimento e a Alegria se apaixonaram, e a mesma coisa aconteceu com o Desconsolo e a Risada. Eles logo descobriam que um não podia ficar sem o outro. O casamento duplo foi uma festa bem grande e logo depois cada casal foi para a sua casa.

As casas, claro, ficavam no meio do caminho para o topo da montanha, assim, ninguém ficava muito longe da família. De vez em quando eles desciam para visitar os pais do Sofrimento e do Desconsolo, e outras vezes subiam para ver a mãe e o pai da Alegria e da Risada.

Os quatro viveram até ficar bem velhinhos. Quando o Desconsolo morreu, a Risada morreu no mesmo dia. E a mesmíssima coisa aconteceu com a Alegria e o Sofrimento. Foram tão felizes juntos que não podiam viver sem outro.

A Morte, com seus olhos fundos, encarou a menina mais nova. E fez uma careta, que na verdade era um sorriso acolhedor.

- É a mesma coisa com a vida e a morte – ela disse. – Que valor gente daria à vida se não existisse a morte? Quem ficaria feliz com o sol, se nunca chovesse? E será que alguém ia querer tanto a luz do dia, se a noite não viesse de vez em quando?

As quatro crianças se olharam, angustiadas. Talvez elas não tivessem entendido a história do mesmo jeito que a Morte, mas sabiam que ela estava certa.

A Morte se levantou, passou a mão na cabeça da menina mais velha, saiu da cozinha com passos pesados e foi até a escada. O menino mais novo olhou pela janela. Ele viu que o sol estava quase nascendo, e pensou ainda podia impedir a Morte.

Mas o irmão mais velho não deixou.

- Não – ele disse.- A gente não pode interferir nos caminhos vida.

Logo depois eles ouviram uma janela abrir no andar e cima, e aí a voz da Morte, lá no quarto da avó:

- Voa, alma- ela disse.

Quando as crianças subiram até o quarto, a avó estava morta. A janela continuava aberta e as continhas brancas balançavam com o vento. A Morte estava parada ao pé da cama. Ela olhou para as crianças e disse:

- Pode chorar, coração, mas fique inteiro.

Então desceu a escada e desapareceu.

O sofrimento das crianças foi grande, mas elas não esqueceram as palavras da Morte, que sempre foram um consolo.

E cada vez que abriam a janela, pensavam na avó. E deixavam o vento vir fazer carinho em seus rostos. Porque assim sentiam que ela ainda está ali.

Fita verde no cabelo: nova velha história

(João Guimarães Rosa)

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí que indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela mesma, era quem se dizia: Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou. A aldeia e a casa esperando-a, acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente vê que não são. E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso.

Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra, também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebéias flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela toque, toque, toque, bateu:

– Quem é?

– Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com fita verde do cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil disse:

– Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou. A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo:

– Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

– Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

– É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta – a avó murmurou.

– Vovozinha, mas que lábios, ai, tão arroxeados!

– É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

– Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado e pálido?

– É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.

Gritou:

– Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

A morte e a velha (Ernani Ssó)

Há muito tempo, quando os bichos falavam e os sertão ia virar mar, numa cidadezinha sem nome, uma velha passava os dias e as noites rezando. Ela tinha medo de morrer. A cada hora tinha mais medo. Rezava pedindo para continuar viva para sempre.

Um dia, num comício político, houve uma briga com faca, facão e espada. A Morte apareceu para levar várias pessoas. Mas, no meio da confusão, acabou perdendo a gadanha.

A velha achou a gadanha e a escondeu no porão, em casa.

- Agora ela não me leva- a velha pensou.

Mas a Morte sempre sabe onde está sua gadanha e naquela noite mesmo bateu na casa da velha.

-Vim buscar minha gadanha senhora.

A velha tentou se fazer de desentendida:

-Gadanha? E eu sei lá de gadanha?!

-Sem minha gadanha, não morre mais ninguém.

-Pra mim está ótimo.

-Olhe, minha senhora, em poucos anos o mundo vai transbordar de gente. Não vai ser bom pra ninguém.

A velha pensou um pouco.

- Eu devolvo, mas quero fazer um trato com você. Nunca me leve.
- Então esse trato não posso fazer. Eu levo todos, cedo ou tarde.
- Então me leve o mais tarde possível.

Agora foi a Morte que ficou pensando.

- Mande construir uma igreja. Enquanto a igreja estiver de pé, a senhora continuará viva. Mas rápido, porque a senhor não tem muito tempo.

- Combinado – a velha disse.
- Outra coisa. Se a senhora se arrepender do trato, basta falar que eu a levo. Agora devolva minha gadanha, que tem gente me esperando.

A velha era muito rica. No outro dia mesmo mandou construir uma igreja de pedra, com alicerces mais fortes que os de um castelo, com paredes duplas. Como queria rapidez, pagou dobrado ao engenheiro e aos operários. Quando a igreja ficou pronta, sete meses depois, a velha não tinha mais unhas: roera até os dedos de nervosa. Mas aí ficou tão alegre que ria sozinha. Todos, na cidadezinha, pensavam que tinha enlouquecido.

Os anos foram passando e nada de a velha morrer. Também não cortou mais os cabelos- quanto mais longos, mais fortes e jovem ela se sentia. Os cabelos cresceram tanto que logo davam pela cintura da velha.

A velha não morria, mas os conhecidos iam um atrás do outro. Primeiro morreram os amigos. Depois morreram os filhos. Depois os netos. Depois os bisnetos. Mas a velha continuava firme como a igreja- firme e cada vez mais cabeluda. Os cabelos logo davam pelos pés.

Então houve secas, houve enchentes, houve ventanias. Muita gente foi embora. Para falar a verdade, todo mundo foi embora. Ficou apenas a velha, com sua longa cabeleira, que arrastava pelo chão.

Com o tempo as casas caíram, podres ou comidas pelos cupins. A própria casa da velha mal se aguentava em pé. Apenas a igreja continuava firme. A igreja e a velha.

Mas a velha já parecia um fantasma. E a sua cabeleira tinha uma ponta na cozinha enquanto a outra estava no quarto.

Sem nada pra fazer, a velha passava horas na janela olhando a igreja e se penteando. Os cabelos estavam mais longos que os da Rapunzel, mas totalmente brancos.

Quando se cansava, a velha ia até a igreja, caminhava em volta e batia nas paredes com a bengala.

- Não vai cair nunca- dizia.

Mais tarde deu um nervoso na velha. Depois de dar bengaladas de sempre nas paredes, se pôs aos gritos:

- Não vai cair nunca! Nunca! Nunca!

E chutou a igreja com tanta força que quase quebrou o pé. Então disse, choramingando:

- Por que que um raio não racha esta igreja ao meio?!

Nisso apareceu a Morte.

-Arrependida, vovó?

A velha levou aquele susto.

- Não, de jeito nenhum!

-Tem certeza, vovó? Se quiser desfazer o trato, é só falar.

- Não. Trato é trato. Eu só vou quando a igreja cair.

A Morte não disse nada, deu as costas à velha e se foi;

A velha voltou para casa, arrastando a cabeleira com dificuldade. Foi para a janela e lá continuou até de noitinha. Aí deu um suspiro:

- A Morte está certa, me arrependi desse trato.

A Morte apareceu de novo.

- Epa! – a velha gritou.– Não tão depressa!

- Depressa? Há trezentos anos que espero pela senhora.

- Parece que foi ontem.

-Parece? Olhe seus cabelos. Não parecem cabelos de ontem.

- Estes bonitos, não estão?

-Ficariam melhores numa trança.

-Não tenho forças para isso.

-Deixe comigo- a Morte disse.

-Faça duas tranças. Era assim que mamãe fazia quando eu era menina.

A Morte então começou a trançar os cabeços da velha. Trançou bem devagarinho, com todo o cuidado. A velha, se lembrando da mãe, adormeceu.

Quando as duas tranças ficaram prontas, a Morte a levou.

A quase morte de Zé Malandro (Ricardo Azevedo)

Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era pobre, pobre, pobre.

Certo dia, estava em casa preparando o jantar, um pouquinho de feijão e um pedaço de pão seco, quando bateram na porta. Era um viajante. O homem, muito velho, pedia um pouco de comida.

— Entre aí — disse Zé Malandro. — Onde um quase não come, dois quase não vão comer também.

Os dois riram.

Após o jantar, o viajante agradeceu muito e contou que tinha poderes mágicos.

— Você foi muito generoso repartindo a comida comigo — disse o velho viajante.

— Em retribuição pode me fazer quatro pedidos. Por exemplo — sugeriu ele — se quiser, pode pedir para ser protegido pelo resto da vida.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter o dom de ser invencível no baralho.

— Concedido — disse o velho. — Por exemplo, se quiser, pode pedir perdão para todos os seus pecados.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter uma figueira que quem subir nela só desce com minha ordem.

— Concedido — disse o velho. — Por exemplo, se quiser, pode pedir sua salvação.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter um banco que quem sentar nele só sai com minha ordem.

— Concedido — disse o velho. — Por exemplo, se quiser, pode pedir, quando morrer, para ir para o céu.

Zé Malandro pensou e disse:

— Prefiro ter um saco de pano que quem entrar dentro só sai se eu mandar.

O velho coçou a cabeça, concedeu, despediu-se e seguiu viagem.

A partir daquele dia, Zé Malandro plantou um pé de figo ao lado de sua casa e nunca mais se preocupou com nada vezes nada. Passava o dia inteiro ou deitado na rede de papo para o ar ou jogando baralho. Como ganhava todas, sempre tinha dinheiro para comprar comida, roupa e as coisas de casa. Era tudo de que o Zé precisava. Mas o tempo é invisível. Passa dia e noite e ninguém vê. A figueira virou uma árvore frondosa e Zé Malandro acabou ficando velho. Muito velho.

Certa noite, bateram na porta de sua casa. Era a Morte vestida com uma capa preta.

— Zé, pode se preparar. Sua hora chegou — disse ela segurando uma foice.

— Mas como! — exclamou ele espantado. — Já? Deve haver algum engano! Ainda me sinto tão bem!

A Morte não era de muita conversa.

— Se está pronto, vamos.

Zé Malandro baixou a cabeça.

— Posso fazer um último pedido? — perguntou ele com lágrimas nos olhos. — Quero comer um figo antes de morrer.

— Pode ser — disse a Morte. — Mas ande logo com isso.

— O problema — explicou Zé Malandro retorcendo o corpo de lado — é que estou meio velho e já não consigo trepar na árvore para pegar uma fruta.

E implorou:

— Por favor, dona Morte, faça isso por mim! É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços!

A Morte resmungou, mas aceitou. Subiu na árvore, arrancou um figo e lá ficou.

Não conseguiu mais descer de jeito nenhum.

Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

Deixou a Morte presa lá em cima, furiosa.

Com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão na cidade onde Zé Malandro vivia foi geral. Como ninguém mais morria, os coveiros e fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. Os médicos e hospitais perderam a clientela.

E, além disso, houve desemprego, pois, as pessoas não se aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens. E o pior: a população começou a aumentar muito.

— Isso é contra a natureza! — gritava a Morte revoltada, agarrada nos galhos da figueira. — Você tem que me deixar sair daqui!

E a Morte insistiu tanto, explicou tanto, argumentou tanto que Zé Malandro acabou cedendo.

— Mas só deixo você descer se me der mais sete anos de vida — disse ele.

A Morte não tinha outro jeito. Acabou concordando.

E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível.

Sete anos passam depressa.

Certa noite, bateram na sua porta. Era um homem estranho, de cara feia, chapéu e paletó escuro.

— Zé, se prepare — disse o homem. — Sua hora chegou.

— Quem é você? — quis saber Zé Malandro.

— Sou o Diabo — respondeu o outro, tirando o chapéu e mostrando dois tristes chifres. — A Morte não quis vir de jeito nenhum, mas me mandou no lugar dela para buscar você.

— Mas como! — disse o Zé espantado. — Já? Deve haver algum engano!

O Diabo caiu na gargalhada.

— Não venha com essa conversa mole. Já estou avisado sobre você. Vamos embora agorinha mesmo. Ou vai me pedir pra subir na figueira? Nessa eu não caio!

Zé Malandro baixou a cabeça.

— Posso fazer um último pedido? — perguntou ele com lágrimas nos olhos. — É muito importante. É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços. Queria tomar um traguinho de cachaça antes de abotoar o paletó. Você me acompanha?

O Diabo lambeu os beiços.

— Até que não é má ideia!

— Sente-se aí enquanto eu pego os copos e a pinga — disse Zé Malandro, puxando o banquinho.

Dito e feito. O Diabo sentou e de lá não saiu mais.

— Me tira daqui! — gritou ele, assustado.

Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

Com o Diabo preso no banquinho, acabaram-se os crimes na cidade. As cadeias ficaram vazias e os guardas, delegados, advogados e juízes preocupados em perder seus empregos. Além disso, como as pessoas agora só falavam a verdade, começou a haver muita confusão porque as verdades são muitas. Mas o pior não foi isso. Acontece que o Diabo passava o dia inteiro sentado no banquinho gritando, guinchando e falando os piores palavrões.

— Cala a boca! — dizia Zé Malandro.

— Minha mulher me mata! — berrava o Diabo furioso.

— Saí para buscar você já faz mais de um ano e ainda não voltei pra casa! Quando eu voltar ela me arrebenta!

— Diga a ela que você ficou preso num banquinho!

— Ela não vai acreditar! Me solta, Zé Malandro, por favor, que a Diaba me quebra a cara!

Cansado daquela figura resmungando dia e noite dentro de casa, Zé Malandro acabou cedendo.

— Mas só deixo você sair se me der mais sete anos de vida — disse ele.

O Diabo não tinha outro jeito. Acabou concordando.

E assim, Zé Malandro continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível.

O tempo passou. No dia em que se completaram sete anos, Zé Malandro fechou a casa inteira bem fechada só deixando uma janelinha destrancada. No quarto, debaixo da janela, colocou seu saco de pano bem aberto.

Naquela mesma noite, o Diabo apareceu, ele e sua mulher.

A Diaba não tinha acreditado nem um pouco na história do banco e dessa vez quis vir junto com o marido.

O Diabo bateu na porta. Nada. Bateu de novo. Nada.

Acabou descobrindo a janelinha aberta e entrou com a mulher por ela.

Os dois foram parar dentro do saco de pano e lá ficaram.

Zé Malandro apareceu com um pedaço de pau na mão e começou a bater no saco.

— Socorro! — berrava o Diabo.

— Me acuda! — berrava a Diaba.

O casal dos infernos passou o ano inteirinho dentro do saco tomando pancada todo santo dia. No fim, Zé Malandro cansou. Estava velho demais e até um pouco gagá. Solto o casal de diabos que fugiu mancando apavorado. Dias depois, o Zé fechou os olhos e entregou a rapadura.

Foi direto para as profundezas do inferno.

Ao chegar lá bateu na porta. Apareceu o Diabo que, ao vê-lo, recuou assustado e começou a gritar:

— Vai embora! Aqui, você não entra! Cai fora, Zé Malandro! No inferno você não fica!

Sem saber direito o que fazer, Zé Malandro foi até o céu e bateu na porta. Apareceu São Pedro. O santo fez cara feia.

— Você não quis ser protegido, não quis perdão para seus pecados, não quis a salvação nem vir para o céu.

Agora, não tem jeito. Vai embora! No céu você não fica.

E assim, sem ter para onde ir, Zé Malandro achou melhor voltar para a Terra. Dizem que até hoje anda por aí, invencível, jogando seu baralhinho.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. **Contos de enganar a morte**. Ilustrações Ricardo Azevedo. 2 reimpr. São Paulo: Ática, 2005.

FARIAS, R. C et al. **Luto na infância**: a perda através da literatura infantil. Research, Society and Development, v. 10, n. 8, e16110816908, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/Debora/Downloads/16908-Article-219457-1-10-20210710.pdf <Acesso 26 de março de 2024>

GUIMARÃES, J. **Fita verde no cabelo**: nova velha estória. São Paulo: Nova fronteira. 2013.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

PAIVA, Lucélia Elizabeth **A arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores / Lucélia Elizabeth Paiva. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

RINGTVED, G. e CHARLOTTE, P. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. Trad: GALINDO, C. W. 1 Ed.1. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

SENGIK, A. S. & RAMOS, F. B. (2013). **Concepção de morte na infância**. Psicologia & Sociedade, 25(2), 379-387.

SSÓ, E. **Contos de morte morrida**: narrativas do folclore. Ilustrações de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2007. (23- 25).

TORRES, W. C. O conceito de morte na criança. Arquivos Brasileiros de Psicologia: Psicologia da cultura, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 9-34, out/dez, 1979. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239/16986>.

_____, **A Criança Diante da Morte**: Desafios. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2012.

WORDEN, W. W. **Terapia do luto**: um manual para o profissional de saúde mental. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.